

Chico César: diálogos entre arte, educação e natureza

Chico César: dialogues between art, education and nature

Resumo

Não é de hoje que estamos vivenciando momentos de mudanças negativas no meio ambiente. Temos o aumento da temperatura global, queimadas na Amazônia, assim, como em outros biomas brasileiros, desaparecimento da fauna e flora, genocídio dos povos indígenas, quilombolas, dentre outras perturbações. Assim, é preciso criar estratégias contra hegemônicas para mitigar essas problemáticas. Isso pode ser realizado através da música e dos seus diálogos tecidos com outras narrativas de vida, como as dos povos indígenas. Nesse Sentido, o objetivo do presente artigo é tecer diálogos plurais, existenciais em torno da música, da educação e da natureza. Para isso, trazemos o artista paraibano Chico César para fomentar nosso agir com o mundo de forma mais plural e crítica. O método da pesquisa é de natureza qualitativa e bibliográfica, assume a epistemologia das ciências da complexidade. O trabalho tem como interlocutores teóricos Edgar Morin, Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Paulo Freire, dentre outros.

Palavras chave: Música, Chico César, saberes indígenas, natureza, meio ambiente, educação.

Abstract

It is not today that we are experiencing moments of negative changes in the environment. We have the increase in global temperature, fires in the Amazon, as well as in other Brazilian biomes, the disappearance of fauna and flora, genocide of indigenous peoples, quilombolas, among other disturbances. Thus, it is necessary to create counter-hegemonic strategies to mitigate these problems. This can be accomplished through music and its dialogues woven with other life narratives, such as those of indigenous peoples. In this sense, the objective of this article is to weave plural dialogues, existences around music, education and nature. For this, we bring the artist from Paraíba Chico César to encourage our actions with the world in a more plural and critical way. The research method is qualitative and bibliographic in nature, assuming the epistemology of the sciences of complexity. The work has as theoretical interlocutors Edgar Morin, Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Paulo Freire, among others.

Key words: Song, Chico Cesar; indigenous knowledge; nature; environment; education.

Introdução

Identificar as problemáticas que cercam o planeta tornou-se algo imperativo na conquista de uma Terra habitável para todos os seres. Contudo, não basta somente elencar as questões que

interpelam a sociedade, mas sobretudo saber como resolvê-las de forma crítica e comprometida com a vida em sua multiplicidade. Sendo assim, é possível acionar novas proposições que culminem na formação de cidadãos mais conscientes do seu papel com o mundo, fomentando uma política humanizadora no contexto social.

Despertar a dimensão crítica-reflexiva é uma postura ética no alargamento da leitura do mundo, que implica desenvolver e sustentar a responsabilidade coletiva na reinvenção de novas formas de viver e pensar a realidade. Para que surja a possibilidade do processo de transformação do mundo e das pessoas, é necessário que ocorra a imersão dos sujeitos no contexto problematizado, na qual se desafia os acontecimentos da sociedade, sejam esses locais ou globais. Aderir-se de forma crítica na realidade pressupõe um compromisso com a aprendizagem da vida e com a prática educativa libertadora. Isso fundamenta uma consciência fraterna, que indaga por um caminho mais conectado à Terra e ao cosmo.

Diante disso, a arte nesse contexto, é uma via que nos permite conectarmos com o mundo, aproximando elementos que dão sentidos à nossa vida, aos meios de pensar a humanidade e as nuances de um tempo histórico em construção. Duarte Junior (1987, p. 14) descreve a arte como: “Uma ponte que nos leva a conhecer e a expressar os sentimentos é, então, a arte, e a forma de nossa consciência apreendê-los é através da experiência estética”. A arte é capaz de auxiliar-nos na compreensão da vida e na construção de conhecimentos a partir de narrativas e de uma experiência estética artística.

A estética consiste na sensibilidade humana; é um sentimento transcendental e profundo, que pode ser vivenciado a partir da vida poética, na qual engradece as experiências e facilita a nossa capacidade de se expressar no mundo em torno da criação. Para Morin (2017), o sentimento estético possui uma definição complexa, circunscrevendo uma variedade de possibilidades em nossas experiências. As obras artísticas, a conexão com a natureza, os mistérios do cosmo, a literatura, as descobertas que detêm surpresas, comoções e emoções, alcançam uma experiência estética. Nesse sentido, Morin (2017, p. 14) assinala que “o sentimento estético é uma emoção que nos surge a partir de formas, de cores, de som, mas também de narrativas, de espetáculos, de poemas, de ideias”.

Nesse viés estético, a arte é legitimada na presente pesquisa como um dos eixos importantes para dialogar com outras formas de pensar a humanidade. Dessa forma, faz-se necessário argumentar a favor do deslocamento do enclausuramento da cegueira do conhecimento que se dá pela fragmentação dos saberes, simplificação da realidade e da incomunicabilidade entre diferentes formas dos saberes. Nesse sentido, trazemos a arte, especificamente a música, para o desenvolvimento de um pensamento que percebe a vida em suas múltiplas dimensões e capacidade de criação.

A música é vista como uma estratégia para ampliar as visões de mundo e sistematizar o fluxo das ideias em busca de uma construção híbrida de conhecimentos, que ora se ancora na arte, ora nos saberes da academia e dos povos indígenas, tecendo diálogos profícuos.

Morin, no livro *Meus demônios* (2003), argumenta sobre a arte, trazendo a música como essencial e marcante na sua vida, que o nutriu e também auxiliou a sua forma de pensar, possibilitando que ele compreendesse as situações mais profundas da existência humana e da vida como um todo. Assim Morin (2003) descreve: “A música entrou na minha vida e nunca deixou de me falar aquilo que mais me interessa e que as palavras são incapazes de dizer”

(MORIN, 2003, p. 24). Para Chico César (2020)¹, a música exprime significados à nossa vida; ela não se reduz a uma carreira, mas faz parte dos âmagos existenciais da experiência humana. É uma atividade que pode ser vivenciada de forma coletiva, permitindo as brincadeiras, os ensaios e o aprendizado de ouvir o outro. Nesse sentido, a arte e a música apresentam-se como fios condutores para fazer emergir narrativas plurais que dialoguem com os saberes ancestrais em prol de uma ecologia da resistência, que não expurga às contribuições dos povos originários para uma educação ambiental crítica e sustentável, mas sobretudo, interage e potencializa com tais saberes, visando a reconciliação com a natureza e a transformação social.

O pensador indígena Ailton Krenak (2020), traz problematizações importantes sobre a nossa relação com o meio ambiente. Esse autor, nos convida a abandonar o antropocentrismo, bem como a ideia de que somos separados da natureza. Além disso, ele, reflete sobre a devastação do planeta, nas quais os crimes ambientais estão cada vez mais frequentes. Em vista dessa realidade, naturaliza-se as desigualdades sociais, mantendo-se uma relação de sub-humanidade entre povos e sociedades. Nesse contexto, o autor supracitado argumenta:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (KRENAK, 2020, p. 6).

De acordo com Guimarães e Medeiros (2016) com os riscos que a espécie humana vem provocando a continuidade da vida na biosfera, é preciso romper com o paradigma disjuntivo do ocidente, e buscar novas leituras de mundo, que revitalizem o pensar, e que nos deem condições diferentes de agir com a sociedade. Dessa forma, é preciso inspirar caminhos que reverberem a diversidade, sendo um dos compromissos de uma educação ambiental crítica, emancipatória e transformadora.

Dessa forma, diante da crise ambiental, ética, política, sanitária, social, na qual vivemos, faz-se necessário tecer diálogos que possam fomentar uma construção híbrida de saberes. Essa estratégia dialógica é discutida pelas ciências da complexidade, que defendem o exercício do bem pensar para uma ética da coletividade. Edgar Morin (2000), um dos artesões da complexidade, em sua obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, problematiza condições que permitem compreender melhor nossa relação com o planeta. Dentre as várias provocações dispostas em sua obra, o autor elenca categorias de consciências que deveriam ser inscritas em nós, a saber: a consciência antropológica que compreende a existência de uma diversidade na unidade e vice versa; a consciência ecológica que anseia por uma convivência mais harmoniosa com a natureza, abnegando do domínio humano sob à Terra; a consciência cívica terrena, que se solidariza e se compromete com próximo e a consciência espiritual da condição humana, que se nutre do pensamento, da compreensão, da crítica e da autocrítica (Ibid.).

Edgar Morin (2000) neste livro, argumenta sobre o pertencimento à Terra-Pátria. Para o autor a educação deve se preocupar com a aprendizagem cidadã, que significa desenvolver o exercício da construção do nosso enraizamento não somente ao nosso local de origem, mas sobretudo ao nosso lugar mais amplo, que é o planeta Terra.

¹ Entrevista concedida ao jornalista Júlio Maria, publicada no Youtube do Jornal Estadão em 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nxql9v4wMOW>. Acesso em: 20 de out. 2022.

A consciência e o sentimento de pertencermos à Terra e de nossa identidade terrena são vitais atualmente. A progressão e o enraizamento desta consciência de pertencer a nossa pátria terrena é que permitirão o desenvolvimento, por múltiplos canais e em diversas regiões do globo, de um sentimento de religião e intersolidariedade, imprescindível para civilizar as relações humanas (MORIN, 2003, p. 73).

A religião faz-se presente com a existência do sentimento de que estamos conectados pelo fio da teia da vida. Essa construção implica no fortalecimento das responsabilidades humanas para com a Terra, fazendo com que o desafio em sustentar a existência seja uma ação de todos. O empobrecimento do pertencimento à Terra-Pátria aumenta as incompreensões entre as diversas culturas, fomenta as opressões e estimula a desumanização entre as nações. Nesse sentido, precisamos de diálogos plurais e horizontais entre os diversos saberes a fim de potencializar a reaproximação entre as pessoas, para que haja a compreensão do mundo na invenção de uma realidade melhor.

É impossível viver sem conflitos, mas é imprescindível a sensibilidade humana na revitalização da vida como transformação e acolhimento da diversidade de ideias. Assim, pode-se pensar numa ética de viver que advogue pelas forças da conexão entre todas as formas de existência. Essa ética reconhece o ser humano como construtor do conhecimento e do processo de educação, que leva em consideração a inconclusão do sujeito e suas transformações permanentes. Paulo Freire (1979) argumenta sobre o fato de a raiz da educação constituir a busca do ser mais do indivíduo e esta descoberta de si é feita em comunhão.

Sem dúvida, ninguém pode buscar na exclusividade, individualmente. Esta busca solitária poderia traduzir-se em um ter mais, que é uma forma de ser menos. Esta busca deve ser feita com outros seres que também procuram ser mais em comunhão com outras consciências, caso contrário se faria de umas consciências, objetos de outras. Seria coisificar as consciências (FREIRE, 1979, p. 14).

Nesse sentido, compreende-se que a transformação do mundo é feita por aqueles que estão engajados com a mudança. A concretização desse processo através da comunhão, estimula a fé e o altruísmo entre os sujeitos pelo compartilhamento de uma realidade com mais afetos e justiça social. Dessa forma, o presente artigo² tem como objetivo problematizar os diálogos entre arte, educação e natureza, trazendo como fio condutor às lições do artista e compositor Francisco César Gonçalves. Esse músico reverbera proposições plurais para construção de uma vida mais ética e humana, na qual seja possível pensar em uma educação pela diversidade através da crítica e valorização dos saberes indígenas, tornando possível viver de forma digna e sustentável. Assim, a pesquisa visa responder a seguinte questão: *Que lições o artista contemporâneo Chico César tem a nos e ensinar? A arte consegue dialogar com a educação e os saberes tradicionais e/ou indígenas?*

O método como estratégia

O método escolhido para a pesquisa é das ciências da complexidade, na qual se constrói o próprio método como caminho e estratégia. O pesquisador formula suas ideias com base nas suas leituras, interpretações, diálogos entre os autores e obstáculos que aparecem ao decorrer da pesquisa, além disso, o método também é conhecimento (MORIN; CIURANA; MOTTA,

² O presente trabalho é um recorte da dissertação de Mestrado do programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, intitulada: Chico César e a arte de compor a vida.

2003).

O método não é apenas uma estratégia do sujeito, é também uma ferramenta geradora de suas próprias estratégias. O método ajuda-nos a conhecer e é também conhecimento. O método tem dois níveis que se articulam e se retroalimentam: por um lado, facilita o desenvolvimento de estratégias para o conhecimento; por outro, facilita o desenvolvimento das estratégias para a ação (Ibid. p. 31-32).

Diante disso, a pesquisa foi construída por meio da poética do artista Chico César e das suas entrevistas disponíveis na plataforma do *Youtube*, além dos referenciais teóricos que sedimentaram o trabalho, tais como: Paulo Freire, Edgar Morin, Daniel Munduruku, Ailton Krenak, entre outros. Portanto, o trabalho é de natureza bibliográfica de cunho qualitativo, cuja apropriação é pela epistemologia da complexidade.

Resultados e discussões

Francisco César Gonçalves, mais conhecido como Chico César, é um músico e compositor brasileiro nascido no ano de 1964, na cidade de Catolé do Rocha no interior da Paraíba. Desde criança Chico César enveredava-se pelo mundo da canção e da poesia, mantendo-se consciente o seu sonho de ser músico. Esse artista foi criado entre a zona rural, onde morava a sua família; e a zona urbana, morando parte da sua infância e adolescência com o seu chefe. Nessa época, Chico trabalhou como vendedor em uma loja de discos e livros chamada Lunick.

Ele vivenciou inúmeros momentos interculturais com a sua família no sítio onde morava em Catolé do Rocha. Frequentou casas de forró, deparou-se com grandes nomes, por exemplo, Elinó Julião (cantor e compositor brasileiro, famoso com a sua música “o rabo do jumento” – 1936-2006), os emboladores de coco, repentistas de viola, entre outros. Aos poucos o garoto acalentava em si a alma artística que já o possuía; deixava-se afetar pela “simples beleza do inesperado” (GLEISER, 2016), que se desvela na trama da vida, nos detalhes: no pai que aboia, na mãe que canta os benditos católicos, na leitura de um livro ou ouvindo uma boa música.

Esse artista possui uma história rica de experiências e vivências plurais, sendo ele um músico implicado criticamente com as causas sociais. Chico César possui uma produção artística vasta, sedimentada pela diversidade de ritmos, melodias, abordagens temáticas, parcerias musicais, etc. Em síntese, Chico César se graduou em Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba, exerceu a profissão por dez anos e após uma experiência de turnê na Alemanha, passou a viver somente da música. Desde os doze anos que Chico César compõe canções, e apenas em 1995 lançou o seu primeiro álbum intitulado *Aos vivos*. Como já mencionado, Chico César possui uma extensa produção artística e seus trabalhos remetem a temas diversos, não sendo possível categorizar todos eles, entretanto, o que se sobrepõe relaciona-se com questões sobre a negritude, racismo, feminismo, pertencimentos, meio ambiente, povos indígenas e tradicionais, entre outros temas.

O ambiente, as vivências, memórias e experiências influenciam diretamente na composição de Chico César, sendo ele interpelado pelos fatos históricos e as diversas narrativas presentes no mundo. A exemplo da sua implicação com a realidade, é o seu oitavo álbum *Estado de poesia* lançado em 2015. Essa obra discográfica de Chico César foi fruto de diversas experiências que ele vivenciou durante seis anos morando no seu estado de origem, a Paraíba, trabalhando como gestor público da cultura entre os anos de 2009 a 2014. Neste tempo, o artista se distanciou dos estúdios para se dedicar em primeiro momento à diretoria executiva na Fundação Cultural de João Pessoa por um ano e oito meses e, no segundo momento, à secretaria de cultura do estado

da Paraíba, na época fundada por ele e o governador Ricardo Coutinho. Assim, durante esse período, o artista compôs diversas canções que vieram a compor o seu disco. *Estado de Poesia* contém 14 faixas, com 12 canções inéditas de autoria de Chico César e com a presença de um poema musicalizado por Chico chamado “Reis do agronegócio” de autoria do letrista Carlos Rennó.

Como o próprio nome do álbum diz, as canções são palcos em estados de poesia, ultrapassando um estado intimista para um estado mais plural de sentimentos coletivos, com um resgate a questões pertinentes que contextualizam os emblemas de uma sociedade em permanentes contradições. A última canção “Reis do agronegócio”, por exemplo, antes de ser gravada para o álbum foi cantada por Chico em apoio a mobilização indígena, inclusive no Congresso Nacional, no dia do Índio, em 2015. A canção é composta de 96 versos de manifesto e indignação contra a destruição do meio ambiente, da terra e dos povos mais vulneráveis pelo agronegócio como os indígenas e o produtor familiar,

Ó produtores de alimento com veneno
Vocês que aumentam todo ano sua posse
E que poluem cada palmo de terreno
E que possuem cada qual um latifúndio
E que destratam e destroem o ambiente.

Um desenvolvimento destruidor que mata e agride o ambiente, contra a conservação e a favor do lucro que é mais importante do que a vida, embora isso seja o projeto base da economia brasileira, é responsável pelas graves alterações no ecossistema, modificando o solo, poluindo a água e o ar. A música é centrada nesta crítica ao agronegócio, assunto urgente a ser problematizado, levando em consideração o contexto histórico, político e social que envolve as disputas de terras pelos ruralistas contra os indígenas, reverberando uma problemática complexa e sempre atual. Enquanto o agronegócio preza pelo latifúndio e a exploração das terras em larga escala com usos exacerbados de agrotóxicos, fertilizantes e transgênicos; os indígenas prezam pela sua subsistência e conservação das florestas e das terras, estabelecendo uma conexão de respeito e valorização da natureza. Tais relações distintas refletem embates, desvalorização e invisibilidade desses confrontos que interpelam as realidades tradicionais e o próprio ocidente. Sobre essa relação de devastação ambiental, Krenak (2020, p. 17) tece a seguinte crítica:

Enquanto a humanidade está se distanciando do seu lugar, um monte de corporações espertalhonas vai tomando conta da Terra. Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios.

Assim, como argumenta Krenak (2020), a distância entre a humanidade e a Terra provoca uma desconexão profunda com a nossa própria essência, ela suspende a diversidade, pluralidade de narrativas, valores, crenças, hábitos e pensamentos, formando uma monocultura da mente, como bem defende Shiva (2003), e tal metáfora explica como o saber dominante da tecnociência faz desaparecer a biodiversidade e as culturas indígenas. Nesse contexto, é pertinente trazer a mesma indagação de Ailton Krenak sobre o mito da sustentabilidade. “Desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar?” (KRENAK, 2019, p. 18).

Diante disso, é necessário refletir sobre o que podemos aprender de novo com os grandes mestres da arte e da cultura. Eles conseguem enxergar além e abarcam consigo a sabedoria da existência, que é expressa por meio das experiências, das tradições, da ancestralidade e também

das leituras de mundo e suas cosmovisões. É possível considerar Chico César como um grande mestre, porque ele ensina a complexidade da vida mediante a sabedoria e os conhecimentos adquiridos ao longo de sua trajetória, manifestados em suas ricas composições musicais. Desse modo, tanto Ailton Krenak como Chico César tencionam provocações e ressignificam diversas proposições que evocam pensamentos e ações em conformidade a um pensar crítico, defensor da pluralidade das formas de vida, da resistência dos povos caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes, e sobretudo do organismo vivo, que é a Terra.

Chico com a sua música, consegue expressar a sua indignação frente à realidade, instigando o pensamento para a ação de acrescentar algo novo no mundo. Krenak problematiza a condição do sufocamento da Terra, evidenciando a importância da conservação da biodiversidade para manter a dinâmica e a sobrevivência da biosfera. Além da importância da diversidade biológica, é imprescindível destacar os povos tradicionais que necessitam do ambiente conservado para a sua própria existência. Assim, sobre os danos ambientais, Krenak (2020, 52-53) descreve:

Nós estamos, devagarzinho, desaparecendo com os mundos que nossos ancestrais cultivaram sem todo esse aparato que hoje consideramos indispensável. Os povos que vivem dentro da floresta sentem isso na pele: veem sumir a mata, a abelha, o colibri, as formigas, a flora; veem o ciclo das árvores mudar. Quando alguém sai para caçar tem que andar dias para encontrar uma espécie que antes vivia ali, ao redor da aldeia, compartilhando com os humanos aquele lugar. O mundo ao redor deles está sumindo. Quem vive na cidade não experimenta isso com a mesma intensidade porque tudo parece ter uma existência automática: você estende a mão e tem uma padaria, uma farmácia, um supermercado, um hospital.

As pessoas que mais conservam a natureza sofrem pelas agressões constantes do sistema capitalista, porque tentam silenciá-las para imputar um desenvolvimento econômico contrário à vida dos ecossistemas e de toda uma cultura dos povos tradicionais. Por isso, é necessário, problematizar os caminhos que a humanidade vem seguindo para mitigar os problemas globais surgidos pela má condução da vida no planeta. Assim sendo, a aprendizagem de um convívio mais harmonioso com o ambiente perpassa pelos caminhos da educação e da justiça social em uma nova perspectiva, que alcança os sujeitos para assumirem as lições do bem viver.

Chico César é um intelectual que não fornece respostas óbvias, mas inspira a pensar acerca das circunstâncias da vida, problematizando uma aprendizagem da cultura que se faz também além dos muros da escola. Essa aprendizagem finda-se pela criatividade humana, sensibilidade e sintonia com a Terra. O artista desvela possibilidades de emergir um novo mundo na construção da poética da existência, necessária à movimentação da vida e das ideias. As obras de Chico César trazem uma metamorfose diversa. Todos os seus álbuns manifestam a pluralidade de ritmos, arranjos, melodias, linguagens, pensamentos e estéticas tanto as canções quanto as capas dos álbuns e as performances do artista nos palcos. Essa pulsão do diverso não surgiu na vida de Chico César sem significância. O artista é filho de mulher negra e de homem caboclo. Suas origens percorrem a descendência africana e também indígena, além da europeia. Essas marcas ancestrais são bem lembradas por ele, como sendo essenciais para que haja o diálogo com as várias culturas. O reconhecimento que Chico César cria e dissemina sobre a sua ancestralidade localiza-o no tempo e no espaço, expandindo seus horizontes, e o provoca a refletir a condição humana e o seu lugar no mundo. Diante disso, Morin (2012) discorre acerca da complexidade humana sobre as diferenças e semelhanças em todos os aspectos, a saber: biológicos, sociais, culturais, psicossociais. Assim, diz Morin:

Quanto mais a diversidade humana é visível, mas a unidade humana tornar-se, hoje, invisível aos espíritos que só conhecem fracionando, separando, catalogando, compartimentando. Ou, então, o que aparece aos espíritos abstratos é uma unidade abstrata que oculta as diferenças. Precisamos conceber a unidade múltipla, unitas multiplex. Assim, a diversidade está inscrita numa unidade da vida (Ibid. p. 64-65).

A diversidade humana engendra uma expansão de complexidades, sendo necessário nutrir o pensamento pela via da religação, construindo uma diversidade capaz de reconhecer a unidade na pluralidade e vice-versa. Assim, tem-se mais compreensão e acolhimento pelo próximo que é igual e também diverso, mesmo sendo de uma mesma origem e cultura. Nesse sentido, Morin descreve as dificuldades em fazer dialogar com a diversidade e unidade humana:

A profunda dificuldade consiste em conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno. Aqueles que veem a diversidade das culturas tendem a minimizar ou a ocultar a unidade humana; aqueles que veem a unidade humana tendem a considerar como secundária a diversidade das culturas (Ibid. p. 65-66).

A unidade e a diversidade formam o sujeito complexo. Para constituí-las, é necessário compreender que o processo é de retroalimentação, ou seja, a unidade produz a diversidade, esta produz a unidade, de modo que ambas se coadunam e engendram a multiplicidade humana. É necessário acionar a diáspora da unidade trilhando os caminhos da diversidade, evidenciando as diferenças individuais e coletivas. O ponto de vista de Chico César emerge da necessidade de encarar a realidade e de reescrever um mundo que está esgotado pela simplificação dos rótulos e padrões impostos pela sociedade. Chico, usando da sua estratégia de compor as canções, desvela a importância da diversidade humana. Nesse sentido, pensa-se que a educação é pulsão dessa diversidade e é por meio dela, que as relações se desenvolvem perante os contrastes existentes. Em vista disso, Almeida (2017, p. 103), dentre os desafios elencados da educação, destaca:

Sentir-se implicado nos vários domínios dos quais nos constituímos e somos dependentes – no domínio da vida (somos seres vivos, portanto, biodegradáveis), no domínio da matéria (somos seres corpóreos, materiais), no domínio da humanidade (somos seres da quimera, do sonho, da imaginação, da palavra, o único animal que diz ‘era uma vez’, conta sua história) – pode ser entendido ao mesmo tempo como princípio e desafio para fazer emergir uma educação para a diversidade.

A educação alicerçada na diversidade de ideias, saberes e amplas narrativas capacita as pessoas a lidarem com as complexas dimensões da vida planetária e a conceber a riqueza de expressões e potencialidades criativas. Dessa forma, o indivíduo habilita-se a compor novas melodias com contrastes e multiplicidades de saberes que harmonizam a cadência da vida. Essa discussão versa com a questão da identidade pessoal dos indivíduos, cujos saberes herdados da ancestralidade entoam na sua formação e fomentam conhecimentos que transcendem a sua temporalidade. Nesse viés, *Parentes* é uma das canções presentes no álbum *Beleza Mano* (1997), uma composição dançante que desvela a presença dos povos originários indígenas. Chico chama atenção para a resistência dessas comunidades que contribuem com a cultura e a pluralidade do Brasil.

Parentes

Chico César
Itaqueras e itains
Aqui também têm parentes dos parintintins
De napa, de couro, de seda, de jeans
Pares e pares de Parintins
Onde a moça ilha balança nas águas do negro
Onde o moço rio afunda nos olhos da moça
Onde a índia é, onde ainda sou
Onde o pé criou asas e voou.

Os povos indígenas lembrados por Chico César são esquecidos e apartados da sociedade, sendo considerados discriminadamente como ignorantes, preguiçosos e atrasos do país. Muitos povos foram dizimados no processo da colonização. De acordo com o pensador indígena Daniel Munduruku (2010), viviam sob o solo brasileiro cerca de cinco milhões de pessoas, com novecentas línguas distintas. Hoje, as tribos remanescentes lutam pelos seus direitos, pela manutenção dos saberes e tradições e pedem socorro ao mundo para garantir a sua sobrevivência. Nesse sentido, Munduruku (2010, p. 51) argumenta que:

Hoje, ainda há diversidade cultural e linguística no Brasil. Há 230 povos e 180 línguas que se mantêm vivos, para desespero dos que pretendem depredar ou piratear a riqueza contida no solo e subsolo brasileiros. São povos que querem apenas sobreviver com dignidade, procurando assegurar uma vida plena para seus filhos. Desejam para si o mesmo que seus avós desejavam: paz para andar sobre a terra, sem deixar marcas de sua passagem. Essa diversidade traz uma riqueza inerente à própria concepção de mundo construída ao longo de um processo delicado e contínuo chamado educação.

Diversas são as contribuições dos povos tradicionais que permeiam a cultura brasileira, através das tradições e valores próprios datados de milhares de anos. Os saberes milenares reverberam uma diversidade imensurável em todos os aspectos da vida. A educação, por exemplo, é uma dimensão importante para as comunidades indígenas, porque ela inclui uma grandiosidade de saberes transmitidos entre as gerações. Daniel Munduruku, escritor indígena e confessor de sonhos, assim como gosta de ser chamado, descreve a educação sob a sua leitura de mundo, das suas tradições e das experiências. A educação que ele defende predispõe de uma Educação do corpo, educação dos sentidos: o corpo é um templo sagrado e o seu cuidado é necessário para que o sujeito se desenvolva. Na aldeia também se aprende as descobertas dos sentidos para a sobrevivência na natureza, sendo importante a convivência com os grupos desde a infância. Assim, há o acompanhamento dos grupos nos deslavrimentos do mundo. Além disso, Educação da mente, educação para a vida: significa estar no mundo, englobando tanto a educação do corpo como também a educação da mente. Essa educação passa pela tradição da contação de histórias pelos mais velhos. Ouvir as histórias é auto educar a mente. “Educar-se, portanto, para a compreensão do mundo exatamente como ele nos foi presenteando pelos espíritos ancestrais” (MUNDURUKU, 2010, p. 58).

Essa compreensão de mundo perpassa pelas histórias dos anciãos, uma vez que são ricas de sentidos, símbolos, leituras da natureza e memórias vivas dos ancestrais. Por fim, a Educação do espírito, educação para sonhar: concebe ao sonhador a possibilidade de visitar vários mundos. Segundo Munduruku (2010), é através do sonho que os povos da aldeia são lembrados da ancestralidade. Os parentes são todos os seres vivos que residem simultaneamente na árvore da vida. Dessa maneira, é pelo ato de sonhar que a coletividade universal é acesa, acolhe-se a

alma ancestral e conecta-se a ela. Nesse sentido, a viagem pelo espaço onírico para o avô de Daniel é falar-se consigo mesmo, e para Daniel, é o lugar onde é possível fazer acontecer as histórias. Sobre isso, Munduruku (2010, p. 60.) finaliza:

Talvez nada disso faça sentido para o ocidental, acostumado ao pensamento linear. Não importa. Nunca fomos compreendidos, e sobrevivemos. Mesmo assim, é importante destacar que, apesar da incompreensão por parte do pensamento ocidental – mais quantitativo e utilitarista –, vivemos um momento em que a diversidade de experiências culturais é nosso maior valor. Daí porque, apesar de incompreendidas, as culturas indígenas têm um papel importante a cumprir nessa ágora, em que cada um precisa contar sua história. De resto, a incompreensão e negação dessas culturas redundam, como bem mostra Vandana Shiva, na pilhagem e usurpação dos saberes tradicionais que sempre tiveram o que dizer e ensinar. Na educação, ensinar a sonhar, certamente, é uma grande lição.

Durante o período de isolamento social ocasionado pela Covid-19 em 2020, Chico César compôs uma canção intitulada *Sobre-humano*, essa música retrata o que está sendo problematizado, ou seja, descreve a questão da vida e do lugar do ser humano na Terra. Em um momento difícil, Chico tece o seguinte argumento sobre essa composição:

É uma forma de celebrarmos o afeto que nos une e também o nosso próprio trabalho: a música. A canção fala da necessidade de ouvirmos a natureza e os saberes primordiais dos indígenas e do humano que vive mais perto da natureza numa relação de respeito com ela³(CÉSAR, 2020).

Em decorrência da destruição ambiental provocada pela relação agressiva que o ser humano possui com o seu meio, a canção compõe um chamado para que os humanos percebam os seus efeitos negativos sobre a biosfera.

Sobre-humano
Chico César
Não é mais sobre poder
É sobre-humano
Sem prazo nem prazer
Só esperar
Sem tempo pra perder
Nenhum engano
Agora é só você
E o próprio ar
Quem acha que é maior
E vai comprar pois tem dinheiro
É insano pois a vida é uma só
Um só lugar e aquele que insiste em dominar
O mundo inteiro passou a hora dele respeitar
Tudo que há

“Sobre-humano” reporta-nos à crítica e à reflexão sobre o que um planeta doente pode reverberar. Diante disso, é necessário aprender de forma mais respeitosa sobre e com a natureza,

³Matéria publicada no G1 por Mauro Ferreira. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2020/06/08/chico-cesar-reflete-sobre-mudancas-de-valores-na-inedita-cancao-sobre-humano.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2022.

de modo a nutrir a curiosidade, a inquietação e o bom convívio com todos os seres da Terra. Desse modo, pensar uma educação que permita conhecer a diversidade cultural e integrar-se a ela é fundamental a uma sociedade que almeja sujeitos com a capacidade de sonhar e transformar o seu mundo.

Considerações Finais

As proposições do trabalho acerca dos diálogos entre educação, arte e natureza tiveram o intuito de refletir sobre uma educação capaz de problematizar a nossa realidade e a realidade do mundo, sendo uma assertiva importante para um horizonte mais aberto que não suscita o conhecimento como algo inerente apenas a comunidade científica, mas sobretudo, que dialoga com outras formas de se pensar a sociedade. Dessa forma, considerar a arte, os saberes indígenas para problematizar a humanidade, pode ser uma via transformadora que indaga pertencimentos e uma resposta mais profícua a crise socioambiental que vivemos.

As ideias dos autores trabalhadas neste artigo fomentam a reflexão para um caminho desafiador, porém, mais crítico, reflexivo e harmônico com a biodiversidade, com proposições que refletem para um pensar e agir bem. Um pensar que considera os povos tradicionais e sua relação com o meio ambiente e a diversidade biológica/cultural, ecoando pensamentos e atitudes mais críticas para o presente e as futuras gerações. Além disso, essas discussões implicam na educação de forma mais ampla, como também na educação em ciências, pensando-se em um ensino-aprendizagem pela cultura e reconhecimento dessas temáticas como transversais ao currículo do ensino de Ciências.

Em suma, o artista Chico César nos mostra por meio das suas composições, a urgência de um engajamento e compromisso pelas mudanças na sociedade. Chico, com a sua poesia e cosmovisão nos convida a acessar a religação dos saberes, a poética das formas de vida, a inclusão do pensamento tradicional no nosso cotidiano e uma educação sensível a realidade, que problematize o contexto social e as possibilidades de compor um mundo mais conectado a mãe Terra. Portanto, a arte da música, como bem defende Marton (2005), nos direciona a uma escuta sensível do mundo, e como argumenta Schopenhauer (2003, p. 85) “O artista nos deixa olhar com seus olhos para a realidade”. Dessa forma, dialogar com a arte, música, educação e natureza podem ser formas de estar com mundo, resistindo as barbáries da humanidade para o enfrentamento das crises socioambientais.

Agradecimentos e apoios

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES), nº 206, 04 de setembro de 2018.

Referências

- ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ciências da complexidade e Educação: razão apaixonada e politização do pensamento**. Natal, RN. EDUFRN, 2017.
- CÉSAR, Chico. **Beleza Mano**. 1997. MZA/Polygram.
- CÉSAR, Chico. **Estado de Poesia**. 2015. Laboratório Fantasma.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 3º ed. Campinas: Papyrus, 1994.

- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Editora Paz e terra, 1979.
- GLEISER, Marcelo. **A Simples Beleza do Inesperado: um filósofo natural em busca de trutas e do sentido da vida**. 1 ed. – Rio de Janeiro: Record, 2016.
- GUIMARÃES, Mauro; MEDEIROS, Heitor Queiroz. Outras epistemologias em Educação Ambiental: o que aprender com os saberes tradicionais dos povos indígenas. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, p. 50-67, 2016.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das letras, 2020.
- KRENAL, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MARTON, Silmara Lúcia. **Música, filosofia, formação: por uma escuta sensível do mundo**. 2005. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma reformar o pensamento**. 8º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, Edgar. CIURANA, Emilio Roger. MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- MORIN, Edgar. **Meus demônios**. 4º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. 5º ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários a Educação Do Futuro**. 2. ed. São Paulo: Unesco, 2000.
- MORIN, Edgar. **Sobre a estética**. 1º ed. Rio de Janeiro: Pró-saber, 2017.
- MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando**. São Paulo: Ed. do Autor, 2010.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do Belo**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- SHIVA, Vandana. **Monocultura da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.